

O fantasma da recessão

Há dias, o presidente Fernando Henrique Cardoso aborreceu-se com a afirmação de líderes empresariais de que o país está em recessão. Ele sustenta que não, que, apesar do arrocho ao crédito e ao consumo — que reconhece e promete atenuar —, a atividade econômica ainda apresenta níveis razoáveis.

Não é, contudo, o que dizem os índices mais recentes da economia. No Distrito Federal, o desemprego em junho chegou a 15,4%, com um total de 121 mil e 700 desempregados. É a maior taxa registrada desde 1992, quando a Codeplan começou a pesquisar regularmente emprego e desemprego no DF.

No plano nacional, o quadro é semelhante. A queda no nível de emprego na indústria de transformação foi de 1,06% em junho, em comparação a maio. Segundo a Confederação Nacional da Indústria (CNI), é a maior queda no nível de emprego desde junho de 1992 e a maior desde o advento do Plano Real.

É possível que haja precipitação em falar em recessão, como afirma o presidente. Mas é notório que o desaquecimento vem se acentuando nos últimos meses, da mesma forma que os efeitos da alta de juros e das restrições ao crédito. Estudo da CNI mostra que, à parte fatores sazonais, o segundo trimestre de 1995 foi o primeiro a mostrar redução nas vendas, no emprego e no uso da capacidade instalada da indústria desde o início do Plano Real.

Do ponto de vista da conceituação acadê-

mica, são necessários três trimestres consecutivos de queda para se considerar o país em efetiva recessão. Não havendo redirecionamento na política econômica do governo federal, não haverá dificuldades em se atender a essa premissa.

No Distrito Federal, por exemplo, julho não foi um mês melhor que junho. Segundo o secretário-adjunto do Trabalho, Ivan Guimarães, o desemprego aumentou na cidade, em decorrência das demissões de mais de mil funcionários do Banco do Brasil. E a crise no comércio e na indústria locais indica tendência de crescimento. O dado mais dramático: a população de baixa renda foi a mais atingida. O desemprego alcançou 20,8% de sua população economicamente ativa. Nas camadas mais altas, a retração foi menor.

Em nível nacional, o quadro é o mesmo. O diretor do Departamento de Pesquisa da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Horácio Lafer, informa que a indústria vai continuar demitindo pelo menos até setembro.

A expectativa de todos é de que o desaquecimento seja temporário e não chegue a caracterizar uma recessão. É esse pelo menos o compromisso sustentado pelo presidente da República e seus ministros da área econômica. Espera-se que o arrocho esteja em seus dias finais e que os índices de desemprego estejam próximos de rápida reversão.